

HISTÓRIA

EM
DEBATE

ANAIS DO XVI^º SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS
PROFESSORES DE HISTÓRIA - RIO DE JANEIRO, 22 A 26 DE JULHO DE 1991.

HISTÓRIA EM DEBATE

Problemas, Temas e Perspectivas

ANPUH: 30 anos

CNPq

InFour

Historiografia Brasileira e Marxismo

Holien Gonçalves Bezerra

A dinâmica da política internacional colocou em xeque, nas últimas décadas, o bloco de países chamados socialistas. A situação se torna aguda e explode, estrondosamente, com a queda do muro de Berlim, em dezembro de 1990. Com a primeira pedra que tomba, arrasta o efeito dominó para a maioria absoluta das pedras socialistas que ainda permaneciam de pé - no leste europeu. O descalabro do mundo socialista parece total, para gáudio e orgulho do capitalismo e de seu implacável "mercado". As últimas pedras ainda levantadas parecem estar fadadas ao tombo, mais dia, menos dia.

Por outro lado, o diagnóstico de certo modo negativo apresentado pelo expositor, prof. Elias, aponta o marxismo enquanto um conjunto heurístico e vivo deixando de ser o interlocutor teórico e privilegiado da historiografia brasileira; a razão deste fato reside, parece-me pelo texto, na cristalização de uma concepção de história que não conseguiu "acompanhar criticamente as desilusões e as experiências políticas dos anos 70."

São duas constatações que não precisam ser demonstradas. Falam por si, e por conseqüência, sugerem o descrédito, o descaso e o aspecto "démodé" que desabou sobre qualquer tema que coloca o marxismo como objeto de análise.

Obstinados e teimosos por profissão, os historiadores não se deixam levar pelas últimas ondas da maré. Galgando-as, buscam olhar para o alto-mar na procura de ondas que já voltaram e estão sepultadas na calmaria que se perde no horizonte.

Tentemos, pois, alguns olhares por sobre os ombros da vertiginosa onda anti-marxista, anti-socialista, pró-neoliberalista, endeusadora do "mercado", da modernidade competitiva, ou da pós modernidade inquietante.

Para introduzir o debate, gostaria de levantar alguns pontos que buscam explicitar a temática abordada pelo expositor:

1. O "modo de pensar dialético" e a historiografia brasileira;
2. A perda histórica do vigor do método;
3. O método cognitivo e a militância política - superposições.

São aspectos, "flashes", pinçados na imensidão de outros aspectos e tópicos profundamente trabalhados por pensadores marxistas que se solidificaram no transcurso dos últimos 100 anos. A tradição marxista vem se construindo no embate da prática cotidiana. Não é possível reduzi-la a alguns pontos de reflexão - são inesgotáveis. Mas podemos levantar alguns aspectos. Um dos mais relevantes, ao meu ver, para a historiografia, é a questão do método

1. O modo de pensar dialético e a Historiografia Brasileira

Parece-me que, a pergunta primeira a ser feita poderia ser: qual o lugar que o marxismo ocupa na historiografia brasileira? Marxismo aqui entendido como um conjunto heurístico e vivo?

A questão, para ser respondida, remete a uma outra pergunta: o que é este conjunto heurístico e vivo? Caímos, deste ponto de vista, no âmago do método construído por Marx para inquirir e conhecer o todo social: a dialética e o materialismo. Fixo-me, neste debate, no modo de pensar dialético, certo porém da indissociabilidade: dialética-materialismo. O tempo urge. Levantem-se apenas algumas questões.

O estatuto ontológico da dialética supõe que o pensar, o conhecer, são atividades marcadas pelo ser, pelo ser social. Dois "diálogos" são constitutivos de nosso conhecimento: "o diálogo entre o ser social e a consciência social, que dá origem à experiência; segundo, o diálogo entre a organização teórica (em toda a sua complexidade) da evidência, de um lado, e o caráter determinado de seu objeto, de outro" (Thompson, E. P. *A Miséria da Teoria*, pág. 42). A dialética, portanto, não é um dado a partir do qual se pensa.

O movimento é a mola intrínseca. A instabilidade do real social traz no seu âmago, para sua construção, a atividade do sujeito da história, que concretiza algumas das inúmeras possibilidades que a liberdade lhe oferece. Liberdade e necessidade, no embate construtivo do engendramento do ser social, dão a dinâmica do ser social. A experiência histórica nada mais é do que o diálogo tenso entre o ser social e a consciência social.

A dimensão infinita do real, que não reduz ao conhecer, abre a consciência para o reconhecimento do novo, das contradições, do inédito - no ser e no conhecer. Reconhece-se no real seu caráter intrínseco de instabilidade e de contraditoriedade.

A organização teórica da evidência, por sua vez, não cria o real mas também a ele não se submete. O diálogo necessário resulta da instabilidade do real e da fluidez dos conceitos. Nada é fixo, tudo flui, historicamente definido

e determinado pelo praxis social. A constante tensão da construção do presente - no ser e no conhecer - engendra o futuro. Este futuro que não nasce automaticamente do presente de forma fatalista e espontânea. O futuro enfrenta criticamente o presente para nascer e assumir uma feição própria.

Assim, o modo de pensar dialético não fornece respostas sobre o presente e o futuro. Não impõe nem aponta caminhos futuros a serem trilhados de maneira cômoda e segura. Apenas desvenda o real bulhoso instável e contraditório, oferecendo não as certezas do conhecimento que dogmatizam a comodidade das verdades conquistadas e fixadas. Suscita problemas, coloca questões.

É de se pensar se a historiografia brasileira que segue as trilhas do marxismo traz na sua prática o exercício do conhecer que dialoga, livremente, com as evidências e a experiência social. Não estaria, portanto, esta prática historiográfica, exercitando-se em aplicar conceitos e categorias criadas na tradição marxista e adaptadas às realidades sociais percebidas no nosso fazer histórico? Perder-se-ia, então, a oportunidade de se praticar o “modo de pensar dialético”.

2. A perda histórica do vigor do método dialético

Os estudos feitos sobre a tradição marxista, como uma prática cognitiva aberta e renovadora, nos aponta para os seus percalços, dificuldades, assim como para os ganhos e aperfeiçoamentos com que o método do materialismo histórico se beneficiou. No momento clássico da elaboração da forma materialista-dialética de conhecer, praticada por Marx e Engels, no séc. XIX, o vigor do método é destacável. A intensa atividade intelectual dos fundadores do Materialismo Histórico, debruçando-se no séc. XIX, na busca de descobrir os meandros do capitalismo que então se firma, aguça os instrumentos da atividade teórica e cognitiva. São posicionamentos teóricos revolucionários imbricados necessariamente em uma prática revolucionária. “Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”, diria mais tarde Lenin. No entanto, a própria situação de oposição, estágio embrionário em que se encontram as atividades revolucionárias no séc. XIX, possibilitam um trabalho metodológico acurado, onde viceja a razão dialética, de inquirição, de busca, de abertura teórica, aguçando-se como instrumento cognitivo que se destaca pelo inacabado; não há um corpo norteador de doutrinas.

Transformado em prática social, pelos revolucionários russos, e vencedor sobre inimigos de direita e sobre contendores de esquerda, o marxismo praticado na União Soviética e alhures toma novos rumos. A ênfase é a prática revolucionária.

Diante da permanência dos combates e dada a necessidade de difundir as questões básicas elaboradas por Marx, a tendência formalizadora se impõe. Já Engels elabora uma exposição suscinta, no opúsculo *“Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico”* e na obra *“Dialética da Natureza”*, escritos no final do século. A formalização, contudo, se acentua após a revolução de 1917, principalmente no bojo do exercício do poder. O ápice é atingido com Stalin, já nos anos 30. A dialética de Marx é vestida com a camisa de força de um sistema bem arquitetado, acabado. A dialética Materialista da era Stalin não aceita contendores. O Marxismo torna-se dogma. A força impera, o vigor do método dialético se esvai.

O caminho estava aberto para a prática historiográfica marxista. O precário conhecimento de Marx foi introduzido no Brasil pela via stalinista, e conduzido, substancialmente, pelo PCB. A difusão e vulgarização do marxismo entre nós sofreu as injunções dos esquematismos explicativos. Muitas vezes passou-se a considerar “marxista” aqueles autores, pensadores, ou professores que usavam, quase sempre seletivamente, algumas obras de Marx e que introduziram categorias nem sempre bem assimiladas, como: luta de classes, modo de produção, relações de produção, dominação ideológica, dialética, etc... A partir destes conceitos e categorias fizeram-se revisões historiográficas, estampadas em obras ensaísticas ou mesmo em exposições sistemáticas, utilizadas para uso didático nas escolas de 1º e 2º graus. São poucos os autores que buscaram se imbuir do método dialético e aplicá-lo como instrumento de análise, aberto ao novo, ao desconhecido.

Um material rico, ainda a ser trabalhado, são as produções acadêmicas, formalizadas nas teses e dissertações elaboradas nas duas últimas décadas - a grande maioria ainda não publicada. Encontramos uma tônica que pervade estes trabalhos, principalmente na área das ciências do social, buscando no materialismo histórico a sustentação teórica para as pesquisas e explicações científicas. Talvez tenhamos uma surpresa, ao final da análise destas teses/dissertações. Não será difícil constatar que, apesar da boa vontade e intenção de acertar ficou-se apenas na enunciação do método e na ilusão de sua utilização. Um estudo que valeria a pena ser entendido. Esperemos que não seja mais uma constatação da perda de vigor do método.

3. Método cognitivo e militância política

Pensar o materialismo histórico implica necessariamente em colocar a prioridade da transformação. Mesmo a origem hegeliana da dialética já imprime a marca do movimento, da superação, da criação do novo. Marx, Engels e Lenin consideravam a teoria em função de uma necessidade que urge

à prática revolucionária. Metas e possibilidades de ação, críticas às ideologias paralisantes, são as grandes finalidades da prática do conhecimento.

O princípio operante e alimentador do marxismo não dissocia conhecimento e prática política - como, de resto, nenhum outro sistema sócio-político-econômico conseguiria fazê-lo. O conceito de praxis revolucionária não tolera dissociações, assim como a dialética não suporta linearidades. Manter esta tensão em constante operação, ao longo de anos e anos de prática revolucionária ou de exercício do poder uma vez realizada a revolução, é o grande desafio que vem se colocando ao marxismo.

Nesta trajetória historicamente difícil, manter a coerência da praxis não tem sido nem fácil nem possível. Diante da premência dos embates políticos, ideológicos, culturais, e econômicos, os militantes marxistas têm a tendência de obrigar a dialética de Marx a vestir a camisa-de-força de sistemas acabados, bem delineados. Definem-se conceitos, estancam-se categorias, elaboram-se modelos explicativos, válidos para quaisquer circunstâncias históricas. Grupos se antagonizam, utilizam-se da força física e das armas. O caminho está aberto para a dogmatização teórica (o marxismo se torna um sistema acabado). O grupo hegemônico cria mecanismos para se manter no poder: a burocracia, o patrulhamento ideológico, a sustentação informal de igrejinhas, etc.

Com facilidade, portanto, a militância política se superpõe ao método cognitivo, frustrando-o, mutilando-o, formalizando ao extremo.

A historiografia brasileira de extração marxista certamente não fugiu à regra. Está marcada pelas disputas internas entre os grupos que buscam impor suas formas estratégicas e suas táticas de luta pela revolução. Ou então são aqueles historiadores/pensadores que se colocam eqüidistantes de grupos, da chamada política de grupelhos, firmando-se na corda bamba do teorismo que grassou nos anos 60 e 70.

A caracterização da historiografia marxista, no Brasil, retém, portanto, uma complexidade não desprezível. Aprofundar esta complexidade não é possível na dimensão desta mesa redonda. É um trabalho que merece a atenção dos estudiosos de nossa historiografia. Acredito que o resultado do estudo nos fornecerá indicações para se aquilatar até que ponto "o marxismo deixou de constituir-se no interlocutor teórico privilegiado da historiografia brasileira".

Algum dia o foi?